



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
– PIBIC

**A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DISCURSIVAS DO NORDESTINO EM
POEMAS E CÔRDEIS DE PATATIVA DO ASSARÉ**

**Imagens Discursivas do Nordeste e do Nordeste no Livro “Cordéis” de
Patativa do Assaré**

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes
Subárea do Conhecimento: Teoria e Análise Linguística
Especialidade do conhecimento: Análise do Discurso

Relatório Final
Período da bolsa: de agosto de 2019 a julho de 2020

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica
PIBIC/COPES Julho de 2020

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho
Autora: Carla Thatiane Azevedo Santos

SUMÁRIO

- 1. Introdução**
- 2. Objetivo**
- 3. Metodologia**
- 4. Resultados e discussões**
- 5. Conclusões**
- 6. Perspectivas**
- 7. Referências bibliográficas**
- 8. Outras atividades**

1. Introdução

Inicialmente, é de extrema importância conhecer e falar um pouco de quem foi Patativa do Assaré, cognome do cearense Antônio Gonçalves da Silva. Nascido na Serra de Santana, a 18 km da cidade de Assaré, vindo de uma família muito pobre, ainda criança, aos 8 anos perdeu o pai, passando então a trabalhar para ajudar no sustento da família. Em meio a esta situação, Patativa não tinha o estudo como prioridade, realidade de muitas crianças sertanejas, ingressando na escola aos 12 anos. Estudou apenas por quatro meses e, apesar disso, saiu da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho, cartilha destinada à alfabetização de crianças na época. Mesmo distante da instrução formal, seu contato com os livros sempre foi constante e permanente. Patativa, mais do que ninguém, conhecia o povo nordestino, pois dele fazia parte e, em decorrência de sua sensibilidade e seu amor pela terra, ele passou a escrever e retratar a vida sofrida e árida do povo do sertão por meio dos cordéis principalmente.

O cordel operou por muito tempo e ainda opera nos dias atuais, em uma proporção menor, como sendo produção cultural de grande influência na construção das identidades do homem sertanejo, pois acompanha e acompanhou as mudanças históricas e culturais desde final do século XIX. Por meio dos cordéis, é possível conhecer e reconhecer como o homem nordestino se insere na estrutura social, política, econômica e cultural. Devido à importância deste tema, esta pesquisa se propõe a compreender a construção de imagens discursivas do homem nordestino e do nordeste no livro “Cordéis” de Patativa do Assaré, além de aumentar a importância deste assunto, uma vez que na academia esse tipo de texto não é muito trabalhado.

Para realizar esse intento, foi feita a seleção de alguns poemas constantes em sua obra com a finalidade de identificar como são apresentadas essas imagens, ou seja, como o ethos do homem nordestino é desenvolvido e construído. Na análise, foram, portanto, observados os aspectos literários, histórico-culturais, religiosos e discursivos dos cordéis, tendo por base os conceitos da Análise de Discurso francesa (ORLANDI e PÊCHEUX) a caracterização do cordel como poema épico (SILVA e RAMALHO) e o *ETHOS* discursivo (MARIANO e MANGUENEAU).

2. Objetivo

A pesquisa teve como objetivo a análise, sob as óticas da Semiotização Épica do Discurso, na teoria da literatura, e do Ethos, na Análise do Discurso de linha francesa. Pretendeu-se verificar como são construídas, em poemas de intenção épica, especificamente em cordéis de Patativa do Assaré, as imagens do homem nordestino, considerando-se os meios de produção em que foram efetivados.

3. Metodologia

Para tanto, foram selecionados cinco poemas do livro *Cordéis* de Patativa do Assaré, que constituíram o objeto de pesquisa. Posteriormente, foram desenvolvidos estudos sobre as teorias literária e do discurso para serem aplicados na interpretação e análise da obra selecionada. Foram feitas investigações sobre a história do Brasil e do Nordeste, de maneira a conhecer as condições de produção dos discursos sobre a região, seus habitantes, o que é dito sobre eles, seus hábitos e expressões culturais, além de situá-los cronologicamente, verificando se os cordéis escolhidos apresentavam traços do momento histórico em que ocorreram os fatos narrados.

Em prosseguimento, foram aplicadas as categorias da Semiotização Épica do Discurso, uma vez que, nos cordéis, é possível encontrar alguns elementos épicos, a exemplo da presença de “heróis” que apresentam ações admiráveis para seu povo. A poesia épica promove também um resgate das culturas ancestrais, aquelas advindas da oralidade, sendo comum abordar os rituais religiosos, as festividades populares, as lendas etc.

A Análise do Discurso contribuiu tanto para se fazer uma leitura mais profunda dos textos, indo além de sua superfície e relacionando-o ao momento histórico em que foi produzido, como também para o estudo do ethos do homem nordestino, além de auxiliar na interpretação das construções de imagens e representações do sertanejo.

Pressupostos Teóricos que embasaram a pesquisa

Foi de suma importância trazer para nossa pesquisa os conceitos e teorias usados como referencial teórico. De agora em diante, falaremos acerca da Análise do Discurso pêcheuxtiana (doravante AD), como também acerca do gênero Épico.

Estudar o funcionamento da linguagem não é algo novo, uma vez que os filósofos da Grécia Antiga já discutiam a relação entre língua e realidade e, a partir daí, pesquisas surgiram para analisar a linguagem e suas manifestações na sociedade. Somente no final do século XX, na década de 1960, a Análise do Discurso surge na França, estudando os discursos, ou seja, a linguagem enquanto processo. Conforme Orlandi (2012, p. 28), “a AD se interessa pela linguagem tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não instrumento de comunicação. É ação que transforma, que constitui identidades”.

Com o passar do tempo, a AD sofreu algumas alterações quanto à ordem de seus procedimentos e de sua orientação teórica, apesar de resistir na mesma linha, firme em uma concepção de sujeito que se opõe a de indivíduo, pelo fato deste último ser considerado consciente de suas ações, e dono de seu dizer. Na AD, o sujeito é afetado pela ideologia, ou seja, pelo conjunto de convicções, princípios e ideais que o cercam e assim sofre o processo de interpelação-assujeitamento e é atravessado pelo inconsciente. O Sujeito em Pêcheux é, portanto, histórico e social.

Segundo Carvalho (2012, p. 28),

A ideologia age sobre os indivíduos através de mecanismos que, funcionando nos rituais materiais do cotidiano, operam transformações produzindo evidências de autonomia, de unidade e de transparência de sentido, efeitos ideológicos da interpelação do indivíduo em sujeito, o que se dá através da linguagem, ou seja, dos discursos. CARVALHO, 2012, p. 28)

É através da linguagem que os homens atuam uns sobre os outros, com o propósito de conseguir concretizar as posições desejadas. Conforme Bakhtin (1988), “a palavra é o signo ideológico por excelência”, uma vez que historia as mudanças da vida em sociedade. Como os discursos são constituídos por palavras são também ideológicos, pois dão materialidade à ideologia.

Além disso, temos conceitos que se apresentam de suma importância para esta pesquisa, como o de *Formações Ideológicas*. Estas formações apontam características aptas a interferir como uma força em confronto com outras na circunstância ideológica de uma dada formação social e têm como suporte as *Formações Discursivas* (FDs). Estas, por sua vez, definem-se como “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 160 – grifos do autor).

PÊCHEUX (1995) trata, portanto, a noção de formação discursiva considerando um aspecto determinante: o da ideologia; mais que isso o que temos funcionando no discurso é:

Um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166)

O aspecto teórico em Pêcheux visível é o que explica que a ideologia mostra que está relacionada ao excesso e não à falta. O excedente é uma característica discursiva da ação político-ideológica no discurso. Se por um acaso temos uma imagem, em sua materialidade e rede interdiscursiva, ela instaura sentidos, mas não instaura de forma isolada, desconectada; ela, antes de ser vista e analisada como peça única, fora do jogo da história, deve ser imaginada de uma forma mais ampla. Na procura por processos que trazem significados, deve ser observada como pertencente a uma determinada *formação ideológica*. As condições de produção dessas imagens, inscritas na história, limitam os laços que podem unir imagem e sentido, porque nada pode se dar fora dessa macroestrutura e de seus inúmeros conflitos.

Orlandi (2005) diz que a AD procura mostrar que a linguagem, o pensamento e o mundo não se estabelecem de maneira igual e que a língua não é apenas estrutura, como defende a linguística estrutural, mas também acontecimento, sendo assim suas exterioridades são importantes, pois significam nela e por ela. Segundo a autora:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive (ORLANDI, 2005, p.15).

O homem, de maneira geral, está diretamente ligado ao meio em que vive e a AD faz essa mediação entre o homem e a sociedade. Um conceito importante para a construção da imagem do homem social é o de *Formação Discursiva*, já mencionado anteriormente, que consiste em, a partir de uma dada posição, em uma condição sócio-histórica específica, dizer alguma coisa ou não, de determinado modo. Assim, a posição social do sujeito emissor influencia diretamente no seu dizer, como também a do sujeito receptor influencia no discurso daquele que fala, “tudo que dizemos tem um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2005). Além disso, diz ela que as palavras falam com outras palavras, que todo dizer é sempre parte de um discurso e que todo e qualquer discurso se delineia na relação com outros dizeres tanto os presentes como os que se alojam na memória, portanto um dizer é resultado de vários outros dizeres.

Ainda na Análise do Discurso, trazemos outro conceito que fundamentará também na nossa pesquisa que é chamado de *Formações Imaginárias*. Podemos dizer que toda vez que o

sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete às formações imaginárias, ou seja, o discurso produzido por um sujeito implica um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social. A partir do funcionamento das *formações imaginárias*, é possível que o sujeito ajuste seu dizer com base nesse jogo de imagens.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2009a, p.42)

O imaginário, portanto, está diretamente ligado à linguagem, uma vez que para entender como funciona a língua é necessário conhecer como funciona a sociedade. No interior da AD, pesquisamos também como as imagens dos indivíduos são construídas na sociedade. Daí buscarmos o conhecimento do *ethos*, que diz respeito à construção de uma imagem de si no discurso, significa afirmar que o discurso carrega as marcas do falante e do ouvinte, ou seja, daqueles que se fazem presentes nele. Amossy (2013), ao falar sobre o *ethos* no discurso, defende que uma das maneiras de legitimar a imagem de si do sujeito é pela sua ligação com as representações que podem ser reconhecidas e partilhadas pelo interlocutor.

Segundo Amossy (2013:125-126):

De fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes (que impregnam), mesmo se se tratar de modelos contestatórios. [...] A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.

Dessa maneira, para que o sujeito enunciator possa ser aceito, é necessário mostrar um lugar comum que ele pertença ou então reconhecer-se no universo cultural e simbólico em que se insere na sociedade. Os estereótipos são desse modo, imagens pré-construídas pelos sujeitos e cristalizadas no âmbito de seu meio social. Estas imagens têm o poder de determinar a maneira de pensar, de agir e também de sentir do sujeito.

Em nossa pesquisa, além da AD, utilizamos também a literatura, especificamente o gênero Épico para embasar a pesquisa. Então falaremos acerca deste assunto. O Gênero Épico, de maneira geral, é um gênero literário narrativo que retrata acontecimentos e fatos grandiosos vinculados sempre à figura de um herói, considerado semideus, isto é, um ser superior dotado de superpoderes. Dentre as formas pertinentes a este gênero, salienta-se a poesia épica que promove um resgate das culturas ancestrais, aquelas advindas da oralidade, sendo comum abordar os rituais religiosos, as festividades populares, as lendas, as teorias filosóficas, os indivíduos considerados mais admiráveis como os deuses, os semideuses e até alguns dos cidadãos comuns, que são corajosos o suficiente para mudar a sua realidade e entram para o clã dos seres de nível elevado.

O gênero épico, segundo Vasconcelos (2017), em meio a todos os gêneros propostos por Aristóteles, foi o único que permaneceu crítica e teoricamente estagnado, o que o impediu o reconhecimento de um percurso independente da epopeia na formação da Literatura Ocidental. Segundo este autor:

O discurso épico caracteriza-se por sua natureza híbrida, isto é, por apresentar uma dupla instância de enunciação, a narrativa e a lírica, mesclando, por isso mesmo, em suas manifestações, os gêneros narrativo e lírico. Daí a presença na epopeia de um narrador e de um eu lírico, ou melhor, de uma instância de enunciação híbrida, nomeada eu lírico/narrador. (VASCONCELOS,2017).

Este gênero, formulado como repositório crítico das manifestações do discurso épico, integra todas as formas poéticas da épica: a epopeia, o poema heroico-cômico, o poema longo com intenção épica, o poema narrativo e, entre nós, o cordel com intenção épica. Ao ler um poema deste tipo, o leitor geralmente passa a criar admiração por este herói e pelo que ele simboliza.

O cordel com intenção épica é um gênero que tem traços do Épico, uma vez que, no Brasil, teve e tem forte tradição na oralidade e por isso apresenta tantas marcas dessa oralidade nos seus folhetos. Este, no início, era produzido para ser, principalmente, entoado. Ainda hoje, essa tradição existe, há muitos cordelistas que se exibem em eventos populares e midiáticos para recitarem seus cordéis. Geralmente, os principais temas presentes nos cordéis são: heróis populares, fatos do cotidiano, religiosidade, seca, imigração, fatos históricos.

Condições de Produção dos Cordéis nordestinos

Para analisarmos os poemas selecionados, é necessário compreendermos as condições de produção em que foram feitos. Traçaremos aqui algumas considerações acerca das Condições de Produção dos discursos na região Nordeste, para que seja possível entender como surgiram e que condições histórico-sociais possibilitaram essas manifestações. Podemos considerá-las em sentido estrito, ou seja, levando em conta o contexto imediato, o Nordeste brasileiro com todas as suas características específicas, ou o contexto amplo, isto é, o sócio-histórico e ideológico. Iniciaremos pelas questões de ordem histórica e social.

A região Nordeste foi onde começaram essas manifestações em verso, porque foi ela que os portugueses e espanhóis “visitaram” primeiro. Esta região é constituída por nove estados: Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia e Sergipe, sendo essas últimas anexadas apenas no século XX, pois antes faziam parte da região leste.

O Nordeste é muito conhecido por suas características geográficas, culturais, sociais e econômicas. Durante muito tempo, ele era visto por parte da população brasileira como fazendo parte da região Norte. Quando ela vem à tona como região à parte, encorpa a imagem de “região da seca”, ideia essa que se incorporou na mentalidade dos brasileiros como sendo a marca básica da região, uma espécie de “identidade cultural”, fruto de um imaginário popular que se materializou nos discursos e se perpetuou, apesar de existirem lugares, como a chapada do Araripe, e o Cariri, que têm mananciais de fontes naturais, ou seja, lá não há seca. Ainda nos dias atuais, essa ideia permanece bastante intensa na memória discursiva dos brasileiros, embora, por muito tempo, esta região tenha tido destaque na agricultura, com a cana de açúcar para a produção de açúcar e etanol, no extrativismo vegetal e mineral, na produção de petróleo, e gás natural, na indústria, entre polo automotivo a polo petroquímico, além do turismo, uma vez que a região concentra grandes áreas repletas de belezas naturais, como o extenso litoral, com praias de águas quentes e cristalinas, que estão entre as mais bonitas do país, o Arquipélago de Fernando de Noronha (PE), um paraíso ecológico, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, os Canyons do São Francisco entre outros.

Apesar de toda essa rica cultura e economia, quando se fala em Nordeste, logo são acionadas imagens da seca, do povo sofrido, dos cactos, do homem do cangaço com aquelas roupas de couro, do solo seco cheio de rachaduras... Como pessoas inseridas na cultura brasileira, temos em nosso imaginário social uma série de signos aos quais podemos associar o “ser nordestino”. Segundo Albuquerque Júnior (1999, p. 307), o Nordeste “é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino [...]”, através de verdades instituídas “repetidas ad nauseum, seja pelos meios de

comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região”.

O estereótipo do Nordeste é marcado por muito preconceito, decorrente sobretudo da questão geográfica, por ser uma região árida e de natureza agressiva, com mandacarus, palmas e cactos que apresentam espinhos etc. De maneira geral, mostra uma vegetação muito resistente e as pessoas que lá moram não são diferentes. Alguns predicados desse povo garantem a sobrevivência nessas circunstâncias, incluindo a coragem que representa a bravura e valentia, atributos facilmente confundidos com agressividade. O homem sertanejo é tido como ríspido, grosso, “mente fechada” que tem dificuldade de aceitar o novo, “fala errado”, por ter seu próprio dialeto, além de sofrer pelo sotaque.

As imagens sociais do Nordeste, inclusive as veiculadas pelas grandes emissoras de televisão, estão sempre ligadas ao chamado coronelismo, ao cangaço e à persistência de formas arcaicas de relações sociais, situadas no universo do pré-capitalismo. O Nordeste seria, assim, um lugar em que as pessoas vivem como no passado, sem evolução. Portanto, uma região que conheceu outro ritmo histórico e não saiu mais dele, dessa maneira ficando para trás. Esta situação foi palco para muitos políticos conseguirem recursos e não os aplicarem devidamente, inclusive desviando-os para outros fins. No entanto, há lugares que fazem parte desta região que não sofrem tanto com a seca, como é o caso da Chapada do Araripe, no Cariri, que tem mananciais de fontes naturais.

No que se refere à cultura, o Nordeste apresenta uma riqueza indescritível, são diversas as manifestações da chamada cultura popular: bumba-meu-boi, reisado, roda de coco, cachado, baião, frevo, caboclinho, literatura de cordel, xilogravuras, além de um rico artesanato. A literatura muito presente nesta região é a do Cordel, por vezes, até a mais importante e direta forma de representação social que há na literatura brasileira, uma vez que, por meio dela, estão impressas, através do processo de xilogravuras, narrativas que contam sobre as festas da lugar, política, secas, disputas, cangaço, atos de heroísmo, milagres e outras tantas ações do sertanejo nordestino. Ainda hoje, mesmo que de forma menor, os livretos de cordel ganham as ruas de feiras e mercados da região, por apresentarem um baixo custo aos leitores sendo, portanto, possível levar a literatura também àqueles que possuem poucos recursos.

Por outro lado, essa literatura traz uma linguagem muito próxima das pessoas do povo e une a arte visual rústica ao texto de boas rimas, um dos motivos que levou o cordel a ganhar o coração de todos e, também, o *status* de expressão artística das melhores. Sem dúvida, a literatura oral brasileira ganhou por narrar mitos e provérbios de nossa cultura, além de

histórias que trazem costumes próprios da região, lendas ou outras manifestações que contam as façanhas do dia a dia dos nordestinos, mostrando toda sua força, garra e luta para sobreviver numa terra árida, mas muito promissora, que tem muita gente guerreira, alegre e do bem.

4. Resultados e Discussões

Aprofundamo-nos, aqui, na obra *Cordéis* de Antônio Gonçalves da Silva, que aos 20 anos recebeu o nome do pássaro que tem a criativa característica de imitar outras aves, cujo nome se chama ‘patativa’, daí então passou a ser chamado e conhecido como Patativa do Assaré, levando o sobrenome da cidade do interior do estado do Ceará, na qual morava. Patativa passa a ser mais visto em meados da década de sessenta, momento em que os violeiros de todas as freguesias do Nordeste começaram a incorporar, ao seu repertório tradicional, a toada conhecida como *A triste partida*, feita em parceria com João Alexandre, que, mesmo com a letra caindo nas graças do “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga; Patativa não queria autorizar sua gravação, porque achava que aqueles versos só poderiam ser declamados pelos cantadores e violeiros.

Após a gravação, na voz de Luiz Gonzaga no ano de 1964, a poesia de Patativa ganhou voz e ficou conhecida nacionalmente, passando então a representar a vida de muitas pessoas, principalmente aquelas que tinham sido colocadas para fora do seu próprio chão, pela falta de recursos da natureza e pelo coronelismo. Iremos perceber na obra *Cordéis* temas como *a partida*, que fala do sertanejo, homem que sofre com as secas periódicas da região, a falta de água até para a sobrevivência, e vai para cidade grande em busca de condições melhores; *a religiosidade*, trazendo Padre Cícero, apóstolo do Nordeste e outros *líderes religiosos nordestinos*, como Antônio Conselheiro; *pais de família*, famílias com muitos filhos para sustentar e que os pais precisam trabalhar duro, saindo cedo e voltando tarde, o que leva as crianças a ficarem praticamente “abandonadas” e, muitas vezes, marginalizadas.

Análises dos poemas

Analisamos poemas de Patativa do Assaré, de seu livro *Cordéis*, que trouxeram construções de imagens discursivas do homem nordestino. Para tanto, lemos todos os poemas da obra e selecionamos determinados excertos de alguns, nos quais encontramos essas imagens. Foram eles: *A Triste Partida*, *Saudação ao Juazeiro do Norte*, *Emigração*, *Antônio Conselheiro* e *ABC do Nordeste Flagelado*. Na análise, como já dito anteriormente,

aplicaremos as teorias da semiotização épica do discurso, pois muitos dos poemas escolhidos retratam acontecimentos grandiosos, fatos históricos, lendários, vinculados à figura de heróis (estes assim considerados dentro da cultura nordestina), além da teoria da AD e do Ethos discursivo. Daremos início às análises com um nome muito falado e considerado no Nordeste, Antônio Conselheiro, um líder religioso, aclamado pelo povo sertanejo, como será explicado mais à frente. Vejamos o excerto abaixo:

“Cada um na vida tem
o direito de julgar,
como tenho o meu também,
com razão quero falar
nestes meus versos singelos
mas de sentimentos belos,
sobre um grande brasileiro
cearense, meu conterrâneo
líder sensato e espontâneo
nosso Antônio Conselheiro

Este cearense nasceu
lá em Quixeramobim,
se eu sei como ele viveu,
sei como foi o seu fim.
Quando em Canudos chegou,
com amor organizou
um ambiente comum
sem enredos nem engodos,
ali era um por todos
e eram todos por um...”

Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido popularmente como Antônio Conselheiro, nordestino do Ceará, recebeu este “sobrenome” pelo reconhecimento de que era um sábio que dava conselhos e ajudava os mais necessitados. Em seu cordel, Patativa o reconhece como líder popular ao chamá-lo de “líder sensato e espontâneo”. Essa imagem de líder se propagou em todo o sertão do Nordeste, não apenas por ele se colocar como profeta e

fazer profecias de origens desconhecidas, apresentando em seus discursos uma religiosidade muito popular, heterodoxa, que fugia, por vezes, às normas do catolicismo, como pelo fato de liderar e lutar a favor do povo na Guerra de Canudos opondo-se ao próprio governo. Na época, a situação na região era muito precária por muitos motivos, principalmente pelas secas, fome, pobreza e a violência social. Essa realidade adicionada à elevada religiosidade dos sertanejos, provocou uma série de convulsões sociais e, diante da inabilidade dos poderes constituídos em debelá-las, tornou-se um conflito de maiores dimensões.

Nas entrelinhas do poema, quando Patativa diz “cada um na vida tem o direito de julgar” traz à memória o outro lado da história do Conselheiro, pois ele foi acusado e julgado por assassinato de sua esposa, foi preso, mas conseguiu provar sua inocência e conquistar a liberdade alcançando, nesse período, ainda mais prestígio entre os pobres. No verso 13º do poema, Patativa diz: “se eu sei como ele viveu/ sei como foi o seu fim”; fala ele que o “fim” do herói do povo foi em Canudos, não se sabe exatamente qual a causa de sua morte. Especula-se que morreu por conta de ferimentos de granada ou por doença, mas por outro lado, ele era um líder popular que incomodava os proprietários de terra e o governo, portanto havia interesse em eliminá-lo. O óbito ocorreu dias antes do término da Guerra de Canudos, em cinco de outubro de 1897. Passou a ser considerado o maior líder do Nordeste, como diz os versos de Patativa que seguem:

“Seguindo um caminho novo,
mostrando a luz da verdade,
incutia entre o seu povo
amor e fraternidade
em favor do bem comum,
ajudava a cada um
foi trabalhador ordeiro
derramando o seu suor
foi ele o líder maior
do Nordeste brasileiro...”

Patativa do Assaré, assim como o povo nordestino, acreditava que Conselheiro era um enviado de Deus, uma vez que a religiosidade predominava no sertão, havendo a crença de que só Deus poderia resolver seus problemas. Por isso, quando surgia alguém interessado em lutar contra as diferenças sociais, a cobrança de tributos, entre outras injustiças sociais,

associava-se sua presença a Deus. No caso de Antônio Conselheiro, além dos conselhos e palavras de conforto, ele levava o evangelho para aquele povo que já vivia sem esperanças, ou seja, a “luz da verdade”, incutindo “amor e fraternidade”, portanto percebe-se em seu discurso, mesmo que implicitamente, a presença de um interdiscurso que reproduzia os ensinamentos de Cristo, o que levava a acreditar que ele era um enviado de Deus, e por isso tantos seguidores. Em todo o poema é construído o ethos de um homem “santo” que levava luz e amor para as pessoas e, ao mesmo tempo, humano, pois suave, trabalhava duro e sofria como aquelas pessoas numa verdadeira guerra social.

Seguindo a mesma temática, dos líderes religiosos, adentraremos no poema *Saudação ao Juazeiro do Norte* que fez referência a Padre Cícero, um importante líder religioso, considerado um dos Apóstolos do Nordeste como será possível visualizar mais à frente no excerto abaixo:

“Mesmo sem eu ter estudo,
sem ter do colégio o bafejo
Juazeiro, eu te saúde
com meu verso sertanejo.
Cidade de grande sorte,
de Juazeiro do Norte
tens a denominação,
mas tem nome verdadeiro
será sempre Juazeiro
do Padre Cícero Romão.”

Cícero Romão Batista, mais conhecido como Padre Cícero, ou também, na devoção popular por “Padim Ciço”, lembrando que padrinho é aquele que cuida na ausência dos pais, nasceu em Crato, cidade pequena do sul do estado do Ceará, mas passou a maior parte da sua vida em Juazeiro do Norte. É o maior benfeitor e a figura mais importante de Juazeiro, pois foi lá que passou a maior parte da sua vida dedicando-se à religião e aos pobres necessitados. Darei continuidade ao poema para entendermos um pouco mais sobre este homem. Vejamos:

“O Padre Cícero Romão
que, por vocação celeste,
foi, com direito e razão,

o Apóstolo do Nordeste.
 Foi ele o protetor
 trabalhou com grande amor,
 lutando sempre de pé
 quando vigário daqui
 ele semeou em ti
 a sementeira da fé.”

Nas entrelinhas do poema, quando Patativa diz: “por vocação celeste” traz um fato da história contada em alguns livros que Padre Cícero havia sonhado com Jesus Cristo arrodado pelos doze apóstolos sentados à mesa, numa disposição que lembra a última ceia, de Leonardo da Vinci. Neste sonho, ele tinha recebido um pedido de Deus para cuidar dos mais necessitados. E assim o fez. Começou intenso trabalho pastoral por meio da pregação, do aconselhamento, das confissões e das visitas domiciliares, em meio à fome e miséria da época naquele lugar, confortando o coração daquela gente, levando alimentos aos necessitados e, com isso, ganhou a simpatia do povo. Além de semear a fé, também trabalhou muito na região contribuindo para o crescimento e progresso da cidade de Juazeiro do Norte. Como diz o poema: “trabalhou com muito amor”, isso porque ele entrou para a política e, por meio de muito trabalho, conseguiu a independência de Juazeiro, que naquela época era apenas um vilarejo do município do Crato. Dando continuidade ao poema:

“Juazeiro, Juazeiro,
 tua vida e tua história
 para o teu povo romeiro
 merece um padrão de glória
 De alegria tu palpitas,
 ao receber as visitas
 de longe, de muito além.
 Grande glória tu viveste!
 Do nosso caro Nordeste
 tu és a Jerusalém.”

O poema já começa por: “Juazeiro, Juazeiro, tua vida e tua história para o teu povo romeiro” Juazeiro, município do Ceará, é conhecido pelas romarias e por muitas histórias

relacionadas à fé, como o poeta diz: “De alegria tu palpitas, ao receber as visitas de longe, de muito além”, o município é hoje uma cidade que recebe muitas pessoas de todos os lugares do Brasil. Todos os anos, em determinadas datas, os devotos do padrinho se reúnem para orar sob a estátua, visitar a casa onde nasceu e seu túmulo. Também para conhecerem por onde aquele santo homem andou, e aproveitam para pedir a benção e a graça do “Padim”. Os devotos não necessariamente foram batizados, e muitos nem tiveram a oportunidade de receber diretamente seus conselhos, mas nele creem piamente e oram para ele interceder junto aos santos e a Deus para que sejam atendidos em suas necessidades. Temos, nesse excerto de poema, o ethos de um homem enviado por Deus, um “santo milagreiro”, um intermediário entre o céu e a terra. Conhecido no Nordeste por seus inúmeros milagres, muitos dos seus devotos afirmam ter conseguido suas bênçãos por meio da fé. Não é à toa que o município é conhecido pelos nordestinos como nova Jerusalém, terra sagrada, e por isso tanta gente quer pisar neste “chão” à procura da “salvação”. Verificam-se formações discursivas que remetem ao discurso de Cristo e ao bíblico. Há também, uma religiosidade popular, mas que transcende um tanto os ensinamentos bíblicos, pois apresenta fenômenos como a hóstia que se transmuta em sangue na boca da Beata Mocinha, em um discurso místico, que apresenta o religioso como santo milagreiro, talvez fruto de uma criação popular, ou de um misticismo religioso... O fato é que os milagres passaram a ser divulgados entre o povo e isso pegou fama, mantendo-se presente no imaginário do povo nordestino até hoje.

Dando continuidade às análises, o poema escolhido foi *A Triste Partida*, que não apenas retrata a seca do sertão, mas como isso acarreta uma série de problemas e sofrimentos ao homem sertanejo. Este poema revela a forte relação do homem com sua terra natal:

“Passou-se setembro
outubro e novembro
estamos em dezembro
meu Deus, que é de nós?
assim diz o pobre
do seco Nordeste
com medo da peste
e da fome feroz”

O Nordeste seco e pobre é, constantemente, retratado na literatura ainda hoje, isso por que o problema da seca, causada pela escassez de chuvas, exhibe a triste desigualdade que

existe na região desde sua colonização. Daí a triste realidade do seu povo que sofre pela falta de recursos e pela falta de direitos trabalhistas, uma vez que os proprietários de terra também são castigados pelas frequentes faltas de chuva e não têm recursos suficientes para fazê-lo. O Nordeste também não se desenvolveu fazendo a distribuição da terra de acordo com a distribuição de água, dos reservatórios feitos ou planejados, criando uma contradição histórica. Segundo a Fundação Joaquim Nabuco, existem mais de 80 mil açudes de grande, médio e pequeno porte no Nordeste, somando o total de acumulação de 37 bilhões de m³ de água. Estes reservatórios, todavia, não pertencem aos trabalhadores, que necessitam de carros-pipa e outras formas de acesso à água para consumo. (MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2017).

O poema, já em seu título *A Triste Partida*, traz a realidade do povo sertanejo que, em meio à seca, só encontra saída indo embora da sua região para não passar fome, mesmo querendo ficar, é obrigado a partir, o que o poema deixa claro quando diz: “Passou-se setembro/ outubro e novembro /estamos em dezembro”. Isso porque em determinados meses do ano é previsto a chuva, mas nem sempre ela vem, mesmo assim o povo resiste, agarra-se à fé com “unhas e dentes” clama a Deus e, finalmente, perde as expectativas e acha que Deus o castigou, ao perceber que de nada adiantou a espera:

“A treze do mês
fez a experiência
perdeu sua crença
nas pedras de sal
com outra experiência
de novo se agarra
esperando a barra
do alegre Natal

Sem chuva na terra
descamba janeiro
até fevereiro
[...]

Apela para março
o mês preferido

do santo querido
 senhor São José
 sem chuva na terra
 está tudo sem jeito
 lhe foge do peito
 o resto da fé”

Em quase todas as culturas, é possível observar a ideia de um mundo sobrenatural, onde existe um céu que é comandado por um Deus, Senhor. Os meses se passam e com eles o desânimo vem, mas apesar disso, o povo sertanejo revela muita fé em algo maior e a proteção divina e dos santos como mecanismo de amparo, ou seja, são formas de enfrentar situações desencadeadoras de sofrimento. A fé e a religiosidade fazem parte da história dessas pessoas e assim percebemos que os elementos se repetem e as formações ideológicas também, uma vez que a religiosidade, as relações da pobreza junto à falta de água e à indigência da terra estão sempre presentes.

Em outra faceta da questão, o que alimenta a presença cotidiana desse mundo divino na vida das pessoas são as constantes orações, oferendas, promessas, súplicas e devoção com que buscam atenuar a ira ou insatisfação de seres celestiais (anjos, deuses, santos), ao mesmo tempo em que geram dádivas, proteção e bênçãos (Armstrong, 2011).

Tudo isso nos mostra o ethos de um povo temente a Deus, que utiliza a fé como estratégia para enfrentar as adversidades que surgem, o próprio sofrimento, criando esperanças de que tudo vai se resolver (um dia), o que os ajuda a acalmar-se perante as dificuldades. Essa estratégia pode promover, ainda, distração, já que a confiança em um Deus que tudo pode, ameniza parte de suas preocupações.

Dando continuidade aos poemas, falamos sobre migração, situação muito recorrente para os nordestinos, adentraremos nas dificuldades das famílias em se adaptarem em novas regiões em busca de uma vida melhor. Vejamos o poema:

“A fome é o maior martírio
 que pode haver neste mundo,
 ela provoca delírio
 e sofrimento profundo
 tira o prazer e a razão
 quem quiser ver a feição

da cara da mãe da peste,
na pobreza permaneça,
seja agregado e padeça
uma seca no Nordeste.”

O poema retrata uma realidade do povo sertanejo que, com as secas, ou seja, com a falta de chuvas no semiárido acaba experimentando o sabor amargo da fome, miséria e da desesperança que, apesar de ser algo que não deveria mais existir, ainda assombram o Nordeste. Um cenário que está sempre presente na literatura, Com Euclides da Cunha, na música, com o rei do Baião e no cinema, como o filme *Central do Brasil* representando este problema social. Dando continuidade ao poema.

“Por causa desta inclemência
viajam pelas estradas
na mais cruel indigência
famílias abandonadas
deixando o céu lindo e azul
algumas vão para o sul
e outras para o Maranhão
cada qual com sua cruz
se valendo de Jesus
e do Padre Cícero Romão.”

Devido à fome e à miséria, o sertanejo não vê outra escolha a não ser a emigração, deixando a saudade de lado em busca de dias melhores em outros estados, muitos “vão para o sul”, além desta região, vão também para o sudeste, escolhem São Paulo, por se tratar de uma “cidade grande” e acreditam que as chances de condições melhores são maiores, já outros “para o Maranhão” e cada um com sua “cruz” para carregar se valendo da fé que tudo um dia irá melhorar rogando sempre por Jesus e por “padim Ciço”, Padre Cícero Romão. Vamos entender um pouco das dificuldades que essas famílias enfrentam em outros estados. Seguimos com o poema:

“O carro corre apressado
e lá no Sul faz “desejo”
deixando desabrigado
o flagelado cortejo

que procurando socorro
 uns vão viver pelo morro
 um padecer sem desquite
 outros pobres infelizes
 se abrigam pelas marquises
 outros debaixo da ponte...”

As buscas por maiores oportunidades econômicas nem sempre são atingidas por esses sertanejos, uma vez que quando chegam ao Sul do país encontram muitas outras dificuldades, além do preconceito que sofrem, em decorrência de sua pobreza material, originária das condições pouco favoráveis encontradas no destino, sem casas, famílias, empregos, à procura de um socorro “vão viver nos morros”. Muitos, em condições precárias, só encontram “marquises” para se proteger do sol e da chuva, “outros debaixo da ponte”, circunstâncias estas que se repetem até hoje com os nordestinos migrantes no sul.

“Rompendo mil empecilhos,
 nisto tudo o que é pior
 é que o pai tem oito filhos
 e cada qual o menor
 aquele homem sem sossego
 mesmo arranjando um emprego
 nada pode resolver
 sempre na penúria está
 pois o seu ganho não dá
 para a família viver”

Em meio à migração e a tantos empecilhos que acarretam este fato social, temos as famílias com muitos filhos como diz no poema: “o pai tem oito filhos”. Isto acaba dificultando um pouco mais a sobrevivência, visto que o custo de vida é alto e os empregos ofertados são de baixos salários, como é explicitado no texto: “pois o seu ganho não dá para a família viver”. Há alguns programas sociais que beneficiam essas famílias, como o Bolsa Família, Bolsa Escola, dentre outros, mas, mesmo assim, é muito pouco e, no final mês, o chefe de família recebe o dinheiro que, muitas vezes, não dá para se manter, portanto a miséria ganha espaço no cotidiano dessas pessoas. E, como forma de driblar a fome e a

dificuldade, a esposa acaba precisando deixar as crianças sozinhas para trabalhar e trazer dinheiro para casa também. Vejamos o que diz o poema:

“à procura de melhora
até que a sua senhora
tem um emprego também

Se por um lado melhora
aumentando mais o pão
por outro lado, piora
a triste situação
pois os garotos ficando
e a vida continuando
sem os cuidados dos pais
sozinhos naquele abrigo
se expõem ao grande perigo
da vida dos marginais...”

O sertão nordestino é uma região historicamente marcada pela grande presença masculina, apesar da crescente população feminina e de sua inserção no mercado de trabalho das mais variadas formas. A mulher sertaneja é sinônimo de força e resistência. Em meio à dificuldade financeira, elas precisam deixar os filhos, muitas vezes ainda pequenos, para irem atrás do sustento da família. “Se por um lado melhora/aumentando mais o pão/ por outro piora” (4-6) o esposo e a mulher saem em busca de trazer o “pão” para os filhos, mas enquanto isso as crianças ficam sós em casa sob a supervisão muitas vezes do irmão mais velho, sem os cuidados dos pais. “Sozinhos naquele abrigo/ se expõem ao grande perigo/ da vida dos marginais” (11-13) sem a supervisão dos pais, as crianças ficam a margem da sociedade. Muitas delas acabam não desenvolvendo as habilidades básicas e com isso sofrem muito por não desenvolverem o necessário no ambiente escolar.

5. Conclusões

Com esta pesquisa, foi possível conhecer melhor o Cordel enquanto literatura popular que apresenta características do discurso épico, pois narra as façanhas e experiências dos nordestinos, verdadeiros heróis por conseguirem sobreviver em um ambiente hostil e adverso,

bem como visualizar a beleza e as riquezas do Nordeste brasileiro tão pouco valorizado em nosso cenário político. Além disso, este trabalho nos possibilitou conhecer muito de sua cultura, manifesta pela linguagem, pelas representações artísticas e crenças que nos levaram a apreciar as características desse povo, com toda sua multiplicidade.

Apesar de ser uma região muito retratada na literatura por sua situação hidricamente pobre, que já foi dominada pelo coronelismo e “socialmente atrasada”, nos cordéis de Patativa do Assaré foi possível visualizar imagens de um povo trabalhador, guerreiro e muito temente a Deus, aos santos e preocupados com a família. Um povo que luta e sofre, mas se sobressai pelo seu heroísmo, apesar das lutas que precisa enfrentar diariamente, tem uma fé inabalável e uma religiosidade ímpar, o que lhe dá coragem para enfrentar as dificuldades, e isso ficou muito claro nos cordéis de Patativa do Assaré. Outros temas como a fome, a seca e a migração que ainda atingem a região também são abordadas, mostrando a importância da literatura de cordel, ainda em nossos dias.

Com esta pesquisa, foi possível perceber a construção do Ethos de um homem forte, trabalhador e criativo, que não se dobra às intempéries da vida, por mais difíceis que elas sejam.

6. Perspectivas

Tomando como partida a pesquisa realizada, tentaremos publicar, com pequenas alterações, esta pesquisa em revistas e periódicos, a fim de divulgar mais os valores do Nordeste, no intuito não apenas de se dar a conhecer melhor a terra e o homem, mas de investigar sobre temas de tanta relevância para o povo nordestino.

7. Outras atividades

Durante os meses de agosto a dezembro do ano anterior, participamos de encontros periódicos com a orientadora, nos quais houve leituras e discussões de livros e textos que fundamentaram o trabalho, também foram feitas resenhas que ajudarão na construção de artigos que serão apresentados futuramente.

Conforme recomendações da orientadora, assistimos as apresentações de outros trabalhos no evento que proporcionou à comunidade os resultados das pesquisas do PIBIC, ocorrido no Encontro de Iniciação Científica. Além disso, houve a participação no minicurso de Redação científica e plágio acadêmico, atividade de extensão da VI SEMAC.

8- Referências bibliográficas

CASTRO, Gisely Gonçalves de. *Construção de éthé: imagens de si e dos outros no discurso*. Porto Alegre: Cadernos do IL, 2015.

AMOSSY, R. *Da noção retórica e ethos à análise do discurso*. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto, 2013.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *A construção da imagem do nordestino/ sertanejo na constituição da identidade nacional*. Salvador: Trabalho apresentado no II ENECULT, 2006.

Seca no Nordeste, um problema de desigualdade. *MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, 2017. Disponível em: < <https://mst.org.br/2017/02/08/seca-no-nordeste-um-problema-de-desigualdade/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Formação épica da literatura brasileira*. 2º ed. Jundiaí, SP. Paco: 2017.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas Camponesas no Nordeste*. São Paulo: Editora Ática, 2ª ed. 1989.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá-Filosofia de um trovador nordestino*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

ASSARÉ, Patativa do. *Cordéis*. Fortaleza: UFC, 1999.

_____. *Inspirações Nordestinas* (contos de Patativa). 3ªed. Fortaleza: UFC, 1999.

_____. *Vaqueiros e Cantadores: Folclore poético do Sertão e Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*. Um poeta cidadão. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CAVIGNAC, Julie. *A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil*- Da história escrita ao relato oral. Tradução: Nelson Patriota. Natal, RN:EDURFRN, 2006.

SANTOS, Olga de Jesus. *O Cordel* - Testemunha da História do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

Seca no Nordeste: um fenômeno causado pela natureza. **HUFFPOST**, 2018. Disponível em:<
https://www.huffpostbrasil.com/2018/12/18/seca-no-nordeste-um-fenomeno-causado-pela-natureza_a_23621664/?guccounter=1>. Acesso em: 03 de Nov.de 2019.

EGGS. E. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARIANO, Márcia Regina Pereira Curado. [Et al]. *Diversas faces de Itabaiana*: análises de imagens discursivas da cidade dos caminhoneiros. Aracaju: Artnes Comunicação, 2016. 200p.

MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiano Comesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e tradução de Sírío Possenti. Curitiba: Criar, 2006.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da & RAMALHO, Christina. *História da epopeia brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AGUIAR, Pinto de. *Nordeste: o drama das secas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1983

